TDAH no contexto escolar: medicalização e o risco de drogatização

Vanessa Martos Gasquez

Universidade Municipal de São Caetano do Sul

E-mail: imprensavanessa@gmail.com

Como citar:

GASQUEZ, Vanessa Martos. TDAH no contexto escolar: medicalização e o risco de drogatização. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE ADOLESCÊNCIA: VULNERABILIDADE, PROTAGONISMOS E DESAFIOS, 2, 2016, São Paulo. **Anais...**[S. l.]: 2016. p. 50-51.
DOI: <http://dx.doi.org/10.22388/2525-5894.2016.029>

Introdução: a demanda por diagnósticos decorrentes por dificuldades de aprendizagem no contexto escolar vem aumentando a cada dia a ponto do Ministério da Educação posicionar-se oficialmente (por meio do Ofício-Circular 1/2016/CGEI/DICEI/SEB/SEB-MEC) junto às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação propondo alternativas de metodologias de ensino diferenciadas com o intuito de diminuir os índices de medicalização (uso do Metilfenidato, utilizado para tratamento do Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH, caracterizado pela tríade: desatenção, hiperatividade e impulsividade) de crianças e adolescentes e dessa forma evitar o risco de drogatização por problemas de aprendizagem. Entender o contexto escolar não é tarefa fácil. Há muitas variáveis envolvidas no processo e para Gómez (2001), a necessidade de se compreender a escola como uma instância multiplural de convergências culturais que provocam tensões, aberturas, restrições e contrastes na construção de significados é essencial nesse processo. Desse modo, é preciso entender o espaço escolar como sendo um espaço onde se permita a construção de processos de aprendizagem que garantam o desenvolvimento de capacidades autônomas de apropriação do conhecimento e para que isso aconteça é preciso superar a cultura institucional escolar e propor políticas públicas efetivas. E é justamente no contexto desta cultura institucional escolar que encontramos nas discussões a respeito da legitimidade científica do TDAH a transferência de situações de dificuldades de aprendizagem para problemas de ordem médica. Moysés e Collares (2001) citam que o fracasso escolar, as dificuldades de aprendizagem, são centralizadas no aluno e que a problemática sai de uma questão institucional (escola), de ordem política educacional, para a esfera individual.

Objetivo: este estudo tem como objetivo apresentar revisão de literatura sistemática sobre a produção acadêmica no campo da educação no que tange à relação entre aprendizagem, medicalização e TDAH no contexto escolar.

Materiais e Métodos: foram utilizados três bancos de dados de manuscritos científicos: portal Periódicos CAPES; Google Acadêmico e a Biblioteca Digital da USP. Em cada um deles, foi feito um levantamento dos trabalhos mais citados e publicados no período de 2011 a 2016 dentro da área de Educação, excluindo-se

as ocorrências em repetição. A leitura pormenorizada permitiu a triagem e a redução do material coletado de maior relevância para o recorte de análise proposto. Os trabalhos foram descritos e organizados em quatro categorias: dificuldades de aprendizagem (5) técnicas de ensino diferenciadas (10), comportamento (16) e medicalização (13).

Resultados: nas categorias observadas notou-se ampla discussão nas questões ligadas à medicalização, ao uso do Metilfenidato. Alguns dos estudos avaliados demonstraram que a medicalização não interfere na capacidade cognitiva, porém, em alguns casos, pôde auxiliar na questão da concentração. A falta de concentração foi um dos itens mais citados quando se é observado estudos que abordam as dificuldades de aprendizagem. No entanto, quando se é analisado estudos que utilizam técnicas de ensino diferenciadas, nota-se que a questão da medicalização não é abordada, demonstram-se eficazes as metodologias de ensino diferenciadas. Os pesquisadores utilizaram de outros meios não medicamentosos para atingir o objetivo da aprendizagem em alunos diagnosticados com TDAH, como por exemplo, o uso de infrografia, mapas mentais e conceitos ligados à neurociência cognitiva. Nos trabalhos inseridos no contexto da categoria comportamento, verifica-se uma acentuada crítica pela transposição de questões de aprendizagem para processos de rotulação do indivíduo.

Conclusão: o risco de drogatização no contexto escolar por conta de questões ligadas às dificuldades de aprendizagem está posto bem como as divergências científicas em torno da existência do TDAH. Fica evidente também que no ambiente escolar a busca por diagnósticos médicos tornou-se um ato corriqueiro que antecede a investigação pedagógica.

Palavras-chave: TDAH. Medicalização. Cultura Escolar. Aprendizagem.